

Lorena Campo Aráuz y Miguel Aparicio
Coordinadores

Etnografías del suicidio en América del Sur



2017

Etnografías del suicidio en América del Sur

Lorena Campo Aráuz y Miguel Aparicio

Coordinadores

Autores:

© *Lorena Campo, Miguel Aparicio, Beatriz de Almeida, Eduardo Soares Nunes, Elaine Moreira, Ernst Halbmayer, Helena Schiel, João Dal Poz Neto, Maite Bustamante, Maria Isabel Cardozo da Silva, Orlando Calheiros y Spensy K. Pimentel*

1era. Edición: Universidad Politécnica Salesiana 2015
Av. Turuhuayco 3-69 y Calle Vieja
Casilla: 2074
P.B.X.: (+593 7) 2050000
Fax: (+593 7) 4088958
e-mail: rpublicas@ups.edu.ec
www.ups.edu.ec
Área de Ciencias Sociales
y del Comportamiento Humano
CARRERA DE ANTROPOLOGÍA
CARRERA DE PSICOLOGÍA
Grupo de Investigación de Estudios de la Cultura
Grupo de Investigaciones Psicosociales
Casilla: 2074
P.B.X.: (+593 7) 2050000
Cuenca-Ecuador

Diseño

Diagramación

Impresión: Editorial Universitaria Abya-Yala
Quito-Ecuador

ISBN: 978-9978-10-258-9

Derechos

de autor: _____

Depósito legal: _____

Tiraje: 300

Impreso en Quito-Ecuador, marzo 2017

Publicación arbitrada de la Universidad Politécnica Salesiana.

O lugar da fala: a questão do suicídios entre os Ye'kuana

Elaine Moreira¹

Resumo

Os Ye'kuana são uma população brasileira de aproximadamente 600 pessoas, no Estado de Roraima, fronteira com a Venezuela. Ultimamente, o tema dos suicídios em populações indígenas vem ganhando espaço e o aumento dos números de suicídio entre os Ye'kuana é preocupante. O artigo procura abordar os dados sobre suicídios entre os Ye'kuana, não como uma tentativa de buscar as causas ou de problematizar as causas que vem sendo evocadas por agentes presentes na região. Para isso, procura-se enfatizar o quanto pode ser problemático silenciar uma narrativa que move as ações dos Ye'kuana: o xamanismo.

O artigo começa com dados gerais sobre os Ye'kuana e o seu contexto; depois se apresenta informação sobre os suicídios em populações indígenas e os estudos e projetos relacionados ao tema. Se fala também das causas possíveis dos suicídios, como ciúmes, briga entre pais e filhos, separações de casais, consumo de bebida alcoólica, a vida de estudante na capital e o contato com a cultura dos "brancos", mas também da relação dos suicídios com o xamanismo e a visão do mundo dos Ye'kuana. Finalmente, se apresentam considerações finais sobre o contexto, acesso as políticas de saúde mental, relações e a visão dos Ye'kuana.

1 Elaine Moreira es antropóloga, profesora en la Universidad Federal de Roraima (Brasil), con postdoctorado en Bioética en la Universidad de Brasilia. Es miembro del equipo del Proyecto PACTA - Poblaciones Locales, Biodiversidad y Saberes Tradicionales (Proyecto de Cooperación Bilateral Unicamp-IRD). Inició su trabajo de campo entre los Ye'kuana en 2000, y concluyó su doctorado en la École des Hautes Études en Sciences Sociales (Paris) en 2012. Tiene varios artículos y capítulos de libros publicados desde entonces, en especial sobre el tema de redes de intercambio, movilidad y transmisión de saberes tradicionales.

Introdução

No Brasil, os Ye'kuana (Karib) contam com uma população de aproximadamente 600 pessoas, suas aldeias estão localizadas na Terra Indígena Yanomami, no Estado de Roraima, fronteira com a Venezuela, onde a maioria deste povo vive. Atualmente, a população do lado brasileiro se divide em quatro principais aldeias, ao longo dos rios Auaris e Uraricoera. Com uma população em torno de 600 pessoas, sendo que na Venezuela o número ultrapassa o número de 5000 pessoas. A maior aldeia do lado brasileiro encontra-se na região conhecida como Auaris, nome do rio na região onde vivem além dos Ye'kuana, um boa parte da população Sanuma (Yanomami). Em suas aldeias, a língua materna é bastante viva e usada igualmente na capital de Roraima, Boa Vista, onde circulam estudantes universitários ou do ensino médio, em geral jovens Ye'kuana, na maioria do sexo masculino.

Se autodenominam *Sóto*, traduzido por “gente”, “humano”. Na literatura foram nomeados, como Maiongong, Maquiritare, entre outros. Atualmente no Brasil, como na Venezuela, adotam para se autodenominarem Ye'kuana, ainda na Venezuela é possível encontrar autodenominação Ye'kwana e De'kuana. São exímios navegadores e construtores de canoas, o que contribuiu para a sua circulação e participação nas redes de trocas tradicionais no *Circum Roraima*, assim como manterem um caminho aberto para fora de suas aldeias na floresta.

A transmissão de saberes tradicionais exige uma relação a ser construída entre um mestre (a) e um aprendiz (*face to face*). Já há algumas décadas a escrita foi incorporada no processo de transmissão dos cantos, mas nos últimos anos novos recursos digitais, como gravadores, também estão sendo incorporados neste processo. Sobretudo, nos últimos anos, jovens estudantes universitários Ye'kuana, movidos por um discurso marcado pela perda da cultura, mobilizam-se em trabalhos de registro de conhecimentos com o intuito de resgatar parte deles através de registro, escrito ou digital, em seus trabalhos do curso universitário. Neste processo têm sido registrados alguns cantos de rituais específicos (construção da casa, colocação das miçangas após o período de resguardo da menarca, luto, entre outros), ou ainda histórias sobre a origem dos objetos ou de plantas. Estes trabalhos, diversos entre si, formam um mosaico amalgamado pelo medo da perda da cultura.

Nos últimos anos, repete-se um fenômeno já registrado no final dos anos 90, onde havia um numero importante de jovens Ye'kuana vivendo na capital Boa Vista para concluírem o ensino médio, ou cursarem cursos técnicos. Uma diferença com o ritmo atual é a presença de jovens do sexo feminino, o ingresso nos cursos universitários e a opção de alugar casas na cidade de BV, o que não acontecia no período anterior, onde a 'casa de apoio', hoje sede da Associação deste povo, era o principal ponto de apoio para estudantes Ye'kuana. De certa forma, o cenário mudou também pelo fato destas famílias contarem com pelo menos um membro da família com trabalho remunerado, às vezes mais, sendo em geral professores ou funcionários contratados junto aos Distritos Sanitários Indígenas. Nestas casas residem de forma regular os estudantes, mas elas também abrigam seus familiares, que passam a frequentar a cidade de forma mais regular. Isso contribuiu para que diversos rituais antes realizados apenas nas aldeias, passassem a ser realizados também em suas casas na capital. Também aumentou a procura por outros curadores de outras etnias, conhecidos através de suas novas amizades nos cursos universitários para indígenas na Universidade Federal de Roraima (UFRR) e a presença deles nas atividades das organizações indígenas, que passaram a frequentar de forma mais regular.

É importante frisar este contexto, pois o tema que será abordado aqui acontece em um momento de intensa participação de jovens Ye'kuana nas escolas profissionalizantes (especialmente na área de saúde indígena), de mudança nos seus projetos pedagógicos para as escolas nas aldeias, de ingresso no ensino médio regular em Boa Vista, de ingresso na universidade, de intercâmbios cada vez mais frequentes com os Ye'kuana na Venezuela, e de participação crescente em diversos encontros das organizações indígenas, em Roraima e outros lugares do Brasil. Neste contexto, eles também adotaram um modelo de organização indígena que já conheciam no Brasil por seus vizinhos, principalmente Macuxi e Wapishana, mas também pelos Yanomami, sendo seus vizinhos mais próximos os Sanuma, que já contavam com diversos projetos, apoio de ONGs e uma associação. Enfim, eles adotam um modelo que já conheciam, organizam uma associação própria, que passa a ter uma vida jurídica e administrativa regular desde 2010, com assembleias

regulares, estatuto, presidente e uma sede da associação na capital². Cada vez mais produzem documentos, e a escrita, que já estava presente na aldeia, ganha mais um espaço de uso e de comunicação interna e externa, sobretudo com os agentes do Estado (Funai, Sesai, Secretaria de Educação, Ministério Público, entre outros). Até o momento os presidentes da associação são todos letrados, com curso universitário, trata-se portanto não apenas de um novo modelo de organização mas também de um espaço de expressão de uma nova geração de lideranças.

Com este panorama geral, procuro abordar neste artigo os dados sobre suicídios entre os Ye'kuana, não se trata de uma tentativa de buscar as causas e muito mais de problematizar as causas que vem sendo evocadas por agentes presentes na região. Para isso buscarei enfatizar o quanto pode ser problemático silenciar uma narrativa que move as ações dos Ye'kuana, o xamanismo

Um desafio colocado

O tema dos suicídios em populações indígenas vem ganhando espaço nas instituições do Estado, nas conversas com lideranças indígenas e na academia. A própria UNICEF lançou em 2014 o livro *Suicídio adolescente em povos indígenas- 3 estudos*, entre estes estudos encontramos um sobre os Guarani no Brasil. Neste ano, no Brasil foi promovido o setembro amarelo, com distribuição de cartilhas que rompem com o silêncio sobre o tema, o setembro amarelo pretende ser um marco na prevenção ao suicídio. A cartilha relaciona o suicídio a doenças, traz dados sobre a realidade nacional e internacional, e embora cite o índice maior junto as populações indígenas, não traz maiores informações sobre o tema.

Em 2002 um grupo interdisciplinar coordenado pelo Dr. Carlos Coloma, psiquiatra e antropólogo, contou com a participação da antropóloga Esther Jean Langdon (UFSC) e uma equipe de antropólogos e outros profissionais, para refletir sobre o tema alcoolismo, suicídio

2 Importante notar que atualmente existem seis associações que representam os Yanomami, a mais importante delas é sem duvida a Hutukara, que tem maior capacidade de organização e articulação. Mas para os Ye'kuana ficava cada vez mais claro que eles precisariam adotar um modelo de organização para ganharem maior visibilidade e ter acesso a certos projetos.

e populações indígenas a partir de situações concretas. Buscava-se partir da análise de realidades concretas, além dos números, também importantes. Minha reflexão sobre o tema partiu da participação neste grupo, sendo convidada para relatar os acontecimentos, os cuidados e os entendimentos sobre os suicídios de jovens indígenas na aldeia *Fuduwadunha*, às margens do rio Auaris.

De lá para cá, muitas coisas ocorreram, seja do ponto de vista do aumento dos números de suicídio entre os Ye'kuana, seja nos casos registrados também entre os seus vizinhos Sanuma (Yanomami), ou ainda nas respostas institucionais dos agentes da área da saúde, da FUNAI e dos missionários ali presentes. Há, contudo, algo que permanece: a certeza por parte dos Ye'kuana que eles estariam sendo vítimas de ataques xamânicos. Retomaremos este ponto.

Nos últimos anos, a Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI) também instituiu uma política nacional de saúde mental para povos indígenas, que traz como lema o Bem Viver: o lado mais visível deste processo foi, e continua sendo, a contratação de profissionais da área da saúde mental, em particular da área da psicologia. Hoje, boa parte dos distritos especiais indígenas contam com estes profissionais nos serviços de saúde nas terras indígenas. Com isso parece haver um cuidado maior com os registros, seja as mortes por suicídio como as tentativas, até então pouco contempladas na maioria dos dados oficiais dos Distritos Sanitários Especiais Indígenas (DSEI).

Em agosto de 2015, desenvolveu-se em Brasília um seminário sobre o tema da saúde mental, que contou com representantes indígenas e diversos psicólogos dos respectivos distritos sanitários especiais indígenas, para relatarmos suas experiências, seus trabalhos e suas dores. Houve vários momentos comoventes durante o seminário, através dos testemunhos de lideranças indígenas que contavam com mortes por suicídio entre seus familiares, assim como diversas narrativas dos profissionais que buscavam organizar seus dados e levantamentos com as famílias que já contavam com vítimas entre seus membros, visitas domiciliares e lidando com a triste realidade que as diversas comunidades estariam vivendo no momento da perda de seus parentes. Não estava presente neste seminário o DSEI Yanomami, sendo que é através dele que os Ye'kuana e Sanuma receberam nestes últimos três anos profissionais da área de psicologia, para atuarem em suas comunidades.

Registra-se com isso uma intenção, as vezes explícita as vezes não, de trazer elementos para a compreensão das causas destas mortes, e estabelecer consequentes ações de prevenção ao suicídio.

Ainda em 2014, os missionários da MEVA em Auaris propuseram a ajuda de indígenas missionários para atuarem na aldeia Ye'kuana com o intuito de combater – e friso esta palavra – o alcoolismo entre os jovens, fenômeno que estaria, segundo eles, na base das causas das mortes por suicídio. Receberam visita do Conselho Nacional de Pastores e Lideranças Indígenas (CONPLEI) oferecendo ajuda no combate ao alcoolismo. A proposta foi recusada pelos Ye'kuana, que convivem com os missionários da MEVA desde a década de 60, mas que, contudo, mantêm uma distância com a questão religiosa – em geral a fala de recusa da religião está mais presente entre os mais velhos, mas, como já acontece na Venezuela, é possível que esta relação de recusa da religião dos brancos também venha a mudar no tempo. Como já retratei em outro artigo (Moreira, 2004) o discurso dos missionários junto aos Ye'kuana sempre investiu no apelo sobre um tipo de comportamento moral que poderia salvar as almas dos Ye'kuana; já para estes, toda a ética de valores se voltam para o corpo, pois só ele pode garantir o bom destino a suas diversas almas.

Em 2002, num período em que eu estava presente na aldeia, o suicídio de um jovem Ye'kuana, ocorreu durante uma noite de festa. Os familiares estavam cuidando do jovem, mas num átimo de ir e vir entre o espaço coletivo da festa e a casa de seu cunhado, ele se foi. Fui chamada para tocar o corpo e ver se ele ainda tinha sinais de vida: os irmãos do lado não podiam tocar o corpo. No dia seguinte o corpo foi enterrado. A festa foi interrompida e, com ela, toda a produção da bebida fermentada, as ervas secas utilizadas no beiju para o processo de fermentação, tudo aos poucos devia ser dispensado: não apenas a bebida já produzida, mas todos os componentes do processo de produção da bebida. Contudo, não havia para eles nenhuma relação entre uma suposta embriaguez e o suicídio. Havia, entretanto, outra coisa. A festa e o consumo da bebida criava, de certa forma, um outro corpo; como o jovem, agora morto, havia consumido da bebida produzida para a festa, movida pela ação de um inimigo, parte dele poderia ainda circular no consumo da bebida. Durante o transporte do corpo até o local do enterro, ouvia-se um barulho, vindo do corpo, e as pessoas me comen-

tavam: *Yaddade* o nome da bebida fermentada. Alguns anos depois, a festa *Tanöökö* foi realizada com o apoio de um projeto PDPI³ no qual assessoriei a comunidade Ye'kuana. A festa teve uma duração de cerca de cinco dias e, dias antes dela, a administração Regional da Funai de Boa Vista recebeu uma carta da MEVA, onde alegava ser de minha responsabilidade caso houvesse algum suicídio, já que a festa previa o consumo da bebida fermentada. Felizmente, não houve nenhum suicídio durante aqueles dias da festa, mas muitas pessoas, sobretudo os mais velhos, estavam vigilantes, como geralmente fazem em suas festas tradicionais. Isso mostra claramente a convicção por parte dos missionários da existência de uma relação de causa e efeito entre o consumo da bebida, seja ela tradicional ou não, e os suicídios. Sendo assim, segundo a MEVA, o consumo da bebida deveria ser combatido para evitar os suicídios: atualmente esta relação entre bebida alcóolica e suicídios vem sendo reafirmada por eles, e nisso contam com a adesão de outros atores e agentes do Estado ali presentes.

O outro argumento que vem ganhando força seria o problemático papel da escola e suas consequências na formação dos jovens Ye'kuana: ela estaria retirando dos jovens seu tempo de acesso aos conhecimentos tradicionais, trocando de certa forma este tempo na busca de outros tipos de saberes, o conhecimento dos “brancos”. Por esta razão, os jovens estariam hoje mais fracos, expostos à atração pelo espaço urbano e seu *modus* de vida. Irei retomar cada um destes argumentos, que em geral acompanham a crítica à escolarização. Contudo, é preciso dizer que, infelizmente, desde 2002, os números de suicídios aumentaram, a idade mínima na escalada chegou aos 12 anos, sendo que o enforcamento e o veneno têm sido as modalidades registradas com maior frequência⁴.

3 O projeto, financiado pelos Projetos Demonstrativos dos Povos Indígenas (PDPI), programa do PPG-7 vinculado ao MMA, apoiou a filmagem e edição de um documentário em vídeo sobre a festa, que não era realizada desde cerca de 20 anos. O projeto também foi premiado entre as Iniciativas Sociais Inovadoras pelo Banco Mundial, o apoio do prêmio sendo destinado à publicação de um livro.

4 Dados oficiais do DESEY.

O uso de veneno e os afetos: o não dito

Em 200, quando cheguei à aldeia *Fuduwadunha* ouvi varias histórias da ingestão do timbó sem vitimas fatais: ou seja, pessoas naquela época adultas, algumas casadas e com filhos ou jovens adultos, de ambos sexos que, em determinado momento de suas vidas, teriam ingerido o veneno. Em geral, segundo a missionária, estes eventos estavam relacionados a separações de casais, ciúmes ou interdições de relações por parte dos pais. Em todas elas, seus familiares teriam feito uso de antídotos, um feito com minhocas e outro com ramos da planta do abacaxi: os dois preparos provocariam vômitos, e as pessoa se liberaria do veneno em seu corpo. Estas historias me foram relatadas pela missionária que vivia com eles há mais de 15 anos. Não era uma narrativa de preocupação ou assombro mas um modo de falar das tensões, do sofrimento, mas ainda de uma moral das relações afetivas na ótica da missionária, chamada por muitos de *aicha*, avó. Foi ela que então me relatou de uma vítima por arma de fogo que ocorrera anos antes: o fato ocorrera durante a construção de uma casa, onde teria havido o consumo de bebida alcoólica. Nos dados oficiais sobre a causa *mortis*, a vitima teria sido registrada como sendo vitima de um acidente com arma de fogo. Isso alimentava na missionária as preocupações com o consumo da bebida pelos alunos e professores da escola. Ela também estava preocupada com as relações entre os jovens, solicitava continuamente que os professores deveriam ser o exemplo com suas famílias. Era uma crítica explicita as relações de poligamia que existiam na aldeia.

A morte do jovem em 2002 foi provocada por enforcamento: não havia o que fazer diante da cena, não era possível usar o antídoto. Poucos meses depois, em 2003, houve outra morte de uma jovem com o uso do timbó: foi usado o antídoto, mas, segundo seus familiares, demorou-se demais para encontra-la e, de certa forma, ao usar o antídoto já era tarde demais. Em setembro do mesmo ano ocorreu uma segunda morte por envenenamento. Desta vez a jovem teria usado um veneno de caça mais potente, então ouvi pela primeira vez uma ponderação de que a vítima queria morrer. Assim, poderia se entender que, ate então, o uso do veneno não expressava necessariamente a intenção da morte, esta ultima vitima causou grande preocupação entre eles.

No final de 1999, poucos meses antes da minha primeira ida à aldeia, ocorrera uma morte por afogamento: foi uma morte muito fala-

da, comentada. A morte foi entendida como uma vítima de *Odosha*⁵. A comunidade jejuou evitou sair para longe de suas casas e os corpos foram pintados. Neste ano de 2016, uma outra morte tem sido comentada por todos os Ye'kuana, muitos me dizem: você sabe que o Fulano morreu⁶? Alguns apenas lamentam, mas aos poucos vai se desvelando a estranheza da morte, no caso um homem velho, longe de sua casa se deslocando na floresta para chegar em outra aldeia Ye'kuana teria se afastado do grupo, chegando assim mesmo ao destino, porém não falou muito, não comeu, e morreu. No seu corpo, segundo o testemunho de alguns, estava muito mole, e a explicação da sua morte rápida teria sido um encontro com *Odosha* na floresta. Assim, como a morte da jovem que ingeriu o veneno potente, da criança que morreu afogada e o idoso que se transforma depois de transitar na floresta sozinho, são mortes narradas por um conjunto maior de pessoas, não apenas por seus familiares. Todos ficam mais alertas em seus deslocamentos, o uso da pintura se intensifica.

Cada um(a) dos(as) jovens vítimas de suicídio, ao longo desta última década, foi acompanhada por uma narrativa sobre um possível motivo do ato: ciúmes, briga entre pais e filhos, separações de casais. Tive acesso a estas narrativas na aldeia ou em encontros com os Ye'kuana em Boa Vista. Apesar disso, as mortes ditas por suicídios não são entendidas como algo da ordem do privado: a ideia de mortes por uma guerra xamânica orientava os cuidados que os familiares deveriam ter com cada jovem que demonstrasse tristeza. O silêncio e a falta de apetite são alguns dos indicadores disso. Não se deveria deixá-los sozinhos, e foi esse cuidado e atenção que salvou vários jovens em suas tentativas.

5 *Odosha*, em suas histórias *Odosha* é o grande inimigo de *Wannadi*, este herói mitológico que protege os Ye'kuana, *Odosha* nasce da placenta de *Wannadi*, invejoso de seus poderes passa a usar os seus para destuí-los, segundo os Ye'kuana ate hoje eles e os *odoshancomo*, perseguem o povo de *Wannadi*. (Ver Civrieux, 1970).

6 Poderia citar a morte de um cantor importante que morre durante uma caçada e um encontro violento com uma anta, tal morte foi interpretada com o mesmo estranhamento que busco narrar aqui, em seguida um de seus irmãos abandonou a aldeia com seus filhos, netos e genros, ate o momento não retornaram.

Segundo os Ye'kuana, um xamã do mal estaria agindo naquela aldeia: sua ação não é visível, somente um outro xamã pode ver e entender estes ataques. Isso fora confirmado por eles em consultas com o xamã da Venezuela. Segundo este, o xamã age nos pensamentos dos jovens, ele fala com os jovens convidando a tomar o veneno e a se matar. O silêncio, a falta da fala e do apetite, indica uma negativa de socialização que pode ser interpretada como um outro tipo de socialização, desta vez com o inimigo.

Se nenhuma morte é natural para eles, os suicídios também não são. A convicção disso levou os Ye'kuana de *Fuduwadunha* a mudarem a grande maioria de suas casas para a outra margem do rio Auaris: reconstruíram suas casas em outro local, o que representa um investimento enorme de tempo e trabalho comunitário, parte da aldeia refundou outra aldeia, *Kuratanha*, e diversas famílias recuperaram cantos que deveriam ser realizados em segredo daqueles que estavam silenciosos e portanto ameaçados de serem vítimas do inimigo.

Uma primeira observação sobre este processo é que eles nunca deixaram de cuidar e “combater” seus inimigos e seguem cuidando de seus jovens. Estes cuidados, desde uma vigilância à solidão, a proibição de substâncias perfumadas (esmaltes, desodorantes, perfumes⁷), a interrupção do processo de fabricação da bebida, que foi retomada depois, partiram de iniciativas próprias.

Socialização e “saúde-lização”: espaços das falas

Com números alarmantes de suicídios entre jovens Ye'kuana e Sanuma, a política nacional de saúde mental chega também em Auaris. Ela chega com o recorte sobre as mortes, aquelas pelo suicídios, ou daqueles que tentaram ou verbalizaram em algum momento o desejo ou vontade de passar ao ato.

7 Durante diversos momentos os mais velhos chegaram a proibir a distribuição de presentes por parte da missionária que fosse entendido como carregado de perfumes, não poderei desenvolver o tema neste artigo, mas o perfume de suas pinturas tradicionais agem como proteção, elas potencializam os traços visíveis da pintura corporal (Moreira, 2012).

Enquanto para os Ye'kuana, algumas mortes classificadas por suicídios foram interpretadas pelos próprios Ye'kuana como sendo a confirmação do ataque de inimigos não humanos. Apareceu inclusive a palavra *Kanaimé*⁸ para explicar algumas destas mortes, outros acidentes foram igualmente narrados como mortes causadas por ação do xamã do mal, vistas ao olhar dos leigos como afogamentos, alguns enforcamentos, choques com animais que correm na floresta. Todas estas teriam como sua *causa mortis* a guerra xamânica. Porém, estas mortes não contam com a mesma atenção pela política de saúde mental, mesmo que para os Ye'kuana elas recebem uma atenção diferenciada em suas narrativas, sobre o momento desafiador que estão vivendo e orientam suas ações a partir dela.

A política nacional de saúde mental trouxe fundamentalmente uma outra narrativa sobre o suicídio, a categoria de doenças como a depressão, um termo que alguns professores passaram a usar. Ela também cuida de acesso a medicação por epilepsia, cuida dos dados e da estatística relacionados ao alcoolismo e suicídio, mas sobretudo ela cria um lugar novo onde colocar a fala dos jovens, procura instituir um espaço para se falar de um “eu” completamente novo, ela institui uma fala. Esta nova modalidade de saúde/doença mental deverá envolver agentes de saúde indígenas, professores das escolas indígenas nas aldeias, para intermediarem a tradução necessária deste processo. Não é apenas um assunto novo: é fundamentalmente um novo espaço da palavra, da fala, o foco está em entender os sentimentos. Em conversas com os Ye'kuana que atuam como profissionais da saúde, os sentimentos que teriam motivados os atos coincidem com as narrativas dos casos relatados anteriormente: ciúmes, separação, relacionamentos extraconjugais, a fala dura ou crítica severa dos pais, críticas às relações entre os jovens. Mas as ações da saúde mental aparecem sobretudo como um novo espaço de falas, instituem um novo processo de subjetivação, onde

8 Os ataques de *Kanaimé* são relatados com frequência entre os povos indígenas do lavrado e das Serras de Roraima, muito presente na bibliografia antropológica na região. Até então não se ouvia este termo entre os Ye'kuana, alguns falam em *Odosha*, indicando uma relação de tradução interessante entre eles e seus vizinhos (Ver Farage, 1997).

a própria língua materna terá que escolher as novas palavras ou adotar outras para poder expressar o que lhes é solicitado: o falar de si.

Este processo difere de outros lugares da fala, também novos, dos quais os jovens estão se apropriando: trata-se da experiência universitária, onde são convidados a falarem de sua própria cultura. Diferente do “eu” da política da saúde mental, ali o que é valorizado é o “nós”. Isto também instituiu um novo modo de falar de sua cultura, a metodologia adotada na UFRR, onde estão a maioria dos estudantes universitários Ye’kuana, propõe entrevistas com as pessoas mais velhas, o resgate da história das aldeias, seus mitos, cantos. Isso também é um novo espaço de uso de um certo discurso que precisa ser elaborado, que difere dos discursos internos onde a fala ritualizada das festas, os cantos e o processo de aprendizado deles, não são feitos para um público externo, mas sim para um público interno à própria fala, na própria língua. Embora falando de um múltiplo “nós”, de sua própria cultura, este discurso é marcado por um tipo de coletivo, a palavra “cultura”, “povo”, “língua materna” são marcadores coletivos e não singulares. Se ao falar de si para um público externo à sua aldeia, permanece no múltiplo algo que me incluo, a experiência junto à política de saúde mental, parece instituir uma outra imagem, onde o que parece marcar o discurso é a singularização do “eu”, do indivíduo.

É importante notar que muitas das queixas dos jovens que tentaram suicídio, ou as narrativas que acompanharam cada uma das vítimas por suicídios, não se apresentam de forma muito diferente da narrativa da missionária quando cheguei em Auaris pela primeira vez em 2000. Ciúmes, relações extraconjugais, desaprovação dos pais, separações de casais. Há contudo uma intensificação das mortes e aparece o argumento que não se estaria respeitando a cultura, muitas vezes traduzida nos resguardos.

A Escola e cultura

A escola indígena nas aldeias Ye’kuana, tal como podemos observar hoje, não existiria sem um certo tipo de políticas públicas: tais políticas possibilitaram o programa estadual do magistério indígena, mais tarde os cursos nas universidades públicas, sendo ao mesmo tempo o resultado de reivindicações das organizações indígenas, de professores e outras. Os Ye’kuana não foram engajados desde sem-

pre junto as organizações indígenas no Estado de Roraima: isso veio paulatinamente a acontecer, concomitantemente a sua circulação nos espaços de organizações indígenas, em particular junto à organização de professores e mais tarde com sua própria organização, a APYB. Podemos afirmar que a participação nos programas e oportunidades de acesso à educação formal faz parte de suas experiências desde quando procuraram a escola-internato na região do Surumu, ainda na segunda metade dos anos 70. Nos anos 80, outros foram hospedes de sua rede de contatos na cidade de Boa Vista, missionários ou não, com o objetivo de cursarem as escolas públicas. Foram estes os primeiros Ye'kuana a ingressarem no magistério indígena e mais tarde na universidade. O primeiro núcleo de professores formados pelo magistério e depois pela universidade são todos filhos de líderes e basicamente dois grupos de irmãos, pois tais redes de relações externas à aldeia foram construídas pelos pais destes jovens, em trabalhos em fazendas ou ainda no período do garimpo. Estes contatos não são estendidos a todos em suas aldeias, ao contrário cada um deles constrói seus contatos e mantém sua rede de relações externa à aldeia. Destes primeiros estudantes jovens, muitos hoje são trabalhadores da saúde ou professores do magistério indígena. Atualmente os Ye'kuana contam com mais de 10 casas alugadas por algum profissional da saúde ou educação Ye'kuana⁹, estas casas passam a hospedar jovens que veem na cidade de Boa Vista para fazer o ensino médio ou universitário. Quase todos os professores Ye'kuana são formados ou estão em formação universitária, três estão cursando o mestrado. Em outras palavras, existe um grande investimento para se chegar a uma escola que eles imaginam em suas aldeias, com professores Ye'kuana. Por isso o discurso sobre a difícil relação com a escola e o fato de que ela, de algum modo, estaria contribuindo para a situação atual de números elevados de suicídios precisa ser aprofundado.

Em outro artigo (Moreira, 2010) afirmamos que a profissão do professor sempre manteve um estatuto diferenciado frente a outras profissões remuneradas (soldados, microscopistas, agente de saúde indígena), já que os professores trabalham em suas aldeias com os próprios Ye'kuana e não precisam trabalhar em outras aldeias com outros povos,

9 Três destas casas são de propriedade.

como acontecia com os microscopistas nos anos 90. Eles também manteriam a proximidade na consulta e na escuta com as lideranças em suas aldeias. Isso teria se tornado um valor a mais que se soma aos salários e oportunidades que se apresentavam na carreira de um professor.

Mesmo entre os estudantes universitários, os professores entram e saem com uma profissão remunerada, enquanto que os demais, formados em cursos de gestão territorial, por exemplo, continuam a enfrentar a busca por um trabalho remunerado. No entanto, o que é comum a todos os estudantes universitários é uma busca por dar visibilidade a sua própria cultura. Busca-se de diferentes formas o registro de seus conhecimentos, marcando não um desinteresse pela cultura, mas um outro modo de se relacionar com ela, aquele que busca objetivar sua própria cultura, ou ainda o resgate dela e muitos propõem trazê-la de algum modo para dentro da escola. O processo maior de mudança está na transmissão dos conhecimentos tradicionais, que na escola não tem o mesmo tempo e espaço para acontecer. Há hoje uma busca de um hiato onde “escola” e “cultura” necessariamente teriam que se encontrar. Assim, se por um lado existe a queixa segundo a qual os jovens se desinteressariam pela cultura, por outro lado os universitários teriam uma espécie de hiper-valorização da cultura que deveria ser absorvida na escola.

Neste período de intenso trabalho e mudanças entre os moradores aconteceram vários suicídios: de 2002 até hoje contabiliza-se mais de 18 suicídios, para uma população que não chega a 600 pessoas. Isso explica os dois artigos que apareceram na coletânea *Povos Indígenas no Brasil*, organizada pelo ISA: tanto na edição de 2001/2005 (ver Moreira), como na edição 2006/2010 (ver Andrade), aparecem dois artigos falando sobre a problemática dos suicídios entre os Ye'kuana. Neste último afirma-se: “A maior parte dos velhos associa os suicídios à escola. É por meio dela que as gerações mais jovens têm contato com o mundo dos brancos” (Andrade, 2011: 296). A autora, em outro artigo também traz uma outra reflexão:

O grande paradoxo que a escola encerra – por ser um dos signos da destruição e morte da cultura – se reflete nas representações que os Ye'kuana fazem dela. A geração que lutou pela criação da escola em Auaris hoje lamenta as transformações sociais recentes, apontadas como fruto da educação à moda ocidental. A sedentarização da população, o impacto negativo nas atividades tradicionais e o

desrespeito pelos velhos são apontados como os grandes problemas surgidos desse paradoxo, cuja face agonística aparece nos suicídios de jovens, homens e mulheres, que têm assombrado a comunidade nos últimos anos (Andrade, 2012: 68).

Estas análises tem sido adotadas sobretudo por agentes externos, em particular os agentes da saúde, mas igualmente pelo órgão indigenista ali presente, o funcionário do Posto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI)¹⁰ ou missionários pode levar a traduções não necessariamente fiéis da própria autora. De certa forma, penso ser este o contexto onde uma fala sobre a crítica do papel da escola se destacou: vinculando a escola ao mundo dos brancos, ao tempo transcorrido nos espaços urbanos e de certa forma organizando uma lógica sobre o contato e a perda cultural.

Cria-se assim uma narrativa de que os suicídios entre os jovens teria como pano de fundo o contato externo com o mundo dos brancos. Embora a autora citada faça uma análise mais profunda, no sentido da crítica a escola se colocar em paralelo com a profecia *Watunna* (Andrade, 2012), onde os historiadores tradicionais informariam a busca dos Ye'kuana em apropriar-se do conhecimento dos “brancos”, contudo, o que se nota nestes últimos anos e entre os diversos agentes externos presentes na região, continua sendo a influencia negativa de uma cultura externa urbana, a cultura dos “brancos”.

Quase reaparece a antiga oposição entre a oralidade e a escrita, mas a simples oposição entre oralidade (conhecimento tradicional) e escrita (conhecimento dos brancos) proposta por Guss (1986) não pode ajudar nesta leitura¹¹. Entre alguns dos dualismos adotados sem o devido questionamento no contexto etnográfico, encontramos a separação entre o oral e o escrito. Em parte, isso ocorre devido às mudanças nestas próprias sociedades, onde a escrita, assim como as instituições escolares, estão inseridas na realidade cotidiana de muitas aldeias. A adoção da escrita, da leitura, da escola, no cotidiano destas populações apontam para processos dinâmicos na transmissão do conhecimento, onde a ora-

10 No Brasil o órgão indigenista FUNAI está vinculado ao Ministério da Justiça.

11 Para uma critica a esta divisão, no caso Ye'kuana, ver Moreira (2012).

lidade e a escrita são, muitas vezes, combinadas ou compostas e mesmo valorizadas de diferentes formas (ver Franchetto, 2008, Gow, 1990).

Para entendermos este discursos sobre o papel da escola, e sobretudo as contradições de um investimento tão grande na escola e na escolarização, na aldeia e nas universidades por parte dos Ye'kuana, assim como o discurso interno e externo sobre o papel da escola, pode ser interessante entendermos o contexto desta localidade "Auaris".

A partir dos anos 90, Auaris tornou-se uma localidade de importância nos serviços prestados na área de saúde indígena: ali se concentram infraestruturas diferenciadas de outras regiões, como a pista asfaltada, voos regulares por ser o polo base de referência dos serviços de saúde na região, um posto da FUNAI, um batalhão do Exército Brasileiro (Projeto Calha Norte), sede da Missão MEVA (desde os anos 60), presença de ONGs com projetos diversos junto aos Sanuma (Yanomami) e aos Ye'kuana, que contam com outros voos periódicos para a região. Além disso, nesta localidade encontramos as radiofonias das diversas instituições, já houve um telefone público e conexão à internet (mesmo que precária) dentro do espaço reservado aos militares. Desde a chegada dos missionários nos anos 60, os Ye'kuana mudaram por 4 vezes seu local de moradia, procurando manter uma distância calculada com a presença de outros atores-vizinhos, assim como uma aproximação, igualmente investida, nas oportunidades de trabalho remunerado que estas mudanças promoveram: trabalhos na área de saúde, como soldados, junto as ONGs. Isso indica uma ação permanente de atualização de suas relações, construídas com cada um dos atores ali presentes.

De certa forma a distância com este "mundo dos brancos", ou o acesso à capital do Estado parece ter ficado menor: a distância se contraiu. A presença de diversos atores incrementou a circulação de pessoas não indígenas e modificou de forma importante aquela localidade. Auaris é o local onde concentram-se "os brancos", suas infraestruturas e mercadorias. O contato com o mundo dos brancos está longe de se colocar apenas no espaço escolar. Silva (2015) Ye'kuana no mestrado de geografia na UFRR, apresenta um outro dado importante, afirma que a região do rio Auaris, apresenta o maior crescimento populacional na terra indígena, com 3117 pessoas, segundo dados oficiais da saúde, destes cerca de 400 são Ye'kuana.

Contudo, os Ye'kuana conseguiram garantir a ausência de professores indígenas de outras etnias, ou ainda não indígenas, como aconteceu com muitas escolas indígenas em Roraima, com a única exceção das missionárias que, segundo eles, tinham o diferencial de falar a língua e passar longos períodos junto à comunidade¹². Os Ye'kuana também trouxeram elementos próprios para a escola, em seus novos projetos pedagógicos, como aulas de artes para se aprender com um especialista a fabricação de objetos (cestos, flautas, entre outros). Mais uma vez registramos os ritmos diferenciados nos modelos de aprendizados: o da escola, e outros que envolvem um tempo mais lento e longo entre mestre e aprendiz. Cabe a nos seguir de perto cada discurso e entender o que afinal se está dizendo, ao falar de perdas culturais e como uma nova geração de jovens nunca esteve tão voltada para dentro, mobilizados com perguntas promovidas nas escolas e na universidade. A distância desta metodologia acontece no ensino médio, onde em geral eles cursam os cursos oficiais das escolas públicas, somente na universidade poderão novamente ocupar o papel de “falar da sua cultura”.

Sendo assim acredito que ainda é preciso aprofundar o projeto de escola que eles estão construindo e o que dizem sobre as contradições que a vida escolar pode trazer. A escola proporcionou sem dúvida uma mudança por onde circulam e se encontram os jovens na aldeia. Dado o modelo de distribuição de suas casas, roças, acessos aos igarapés e ao rio Auaris, normalmente muitos destes jovens não se encontrariam cotidianamente fora do espaço escolar. Há ainda o fato de diversos estudantes jovens já serem pais ou mães, e estarem concluindo o ensino fundamental, ou ainda terem se deslocado para a capital a fim de concluir o ensino médio e os universitários, onde quase todos já possuem suas famílias, e o deslocamento por longos períodos na cidade de Boa Vista causa estranheza, já que há um papel social a cumprir no núcleo familiar que se inicia, obrigações de sua paternidade e outras junto ao sogro e cunhados. Enfim, o acesso à educação e a um ideal de trabalho que possa dar acesso a um salário estável em suas aldeias não parece ser de fácil realização,

12 Atualmente somente Jandira Dominici, trabalha na escola da aldeia Kuratanha, ela vive entre eles há mais de 20 anos.

além de parecer para muitos como um processo quase saturado se novas escolas ou series e/ou novas aldeias não forem construídas.

Se a escola ocupa um papel importante na vida deles, os Ye'kuana também afirmam que toda forma de conhecimento passa pelo corpo e, mais uma vez, é ele que deve ser protegido. Neste sentido também podemos compreender a diferenciação feita pelos Ye'kuana entre o aprender na escola e outras formas de transmissão de saberes.

O verbo aprender *woowanoomanä* foi estendido para a escola *woowanoomatojo*, sendo traduzido pelos missionários como o lugar para aprender. Este aprendizado escolar, como eles afirmam, também implica em mudanças nos corpos. Para os mais velhos, muitos deles cantores(as) Ye'kuana, o fato de existir um tempo importante transcorrido hoje pelos alunos nas atividades escolares para aprenderem “coisas novas” é relevante, pois este tempo e atividades acabam por subtrair do corpo dos jovens potencialidade de aprendizagem de outros saberes. Mas não é apenas isso, pois para eles o aprender é em si um processo de interferência no corpo.

Os Ye'kuana sabem e observam que na escola os saberes passam pelos papéis, *fajeeda*, ou pelos livros *tade'täämö* (literalmente: para ler). Este tipo de conhecimento é considerado como sendo diferenciado de uma aprendizagem entre cantor e aprendiz. Vários fatores entram nesta diferenciação. Entre eles podemos destacar:

- Tal aprendizado não comporta as mesmas implicações corporais entre aprendiz e cantor; ou seja não se reproduzem neste processo as mesmas implicações de resguardos entre alunos e professores.
- Não se trata da aprendizagem de um conhecimento voltado para intervir na realidade sensível como cantos e encantações.
- A escola está voltada para um público que, a priori, estão fora da idade pois este aprendizado requer um tempo considerável por parte do aprendiz para a aprendizagem dos cantos de curas e cantos xamânicos; ou seja, isso ocorre principalmente na idade adulta. Porém este corpo deve ser preparado desde o nascimento pelos rituais e resguardos (Moreira, 2012).

O xamanismo

A guerra xamânica da qual os mais velhos sempre falaram, e por ela justificaram a mudança do local da aldeia *Fuduwadunha* para a outra margem do rio, continua presente. A construção de suas casas na mesma região, ou ainda a construção da nova aldeia *Kuratanha*, não aconteceria sem uma grande participação de todos nestas atividades e nas justificativas desta necessidade. Assim, os jovens participam ativamente na derrubada de árvores, no transporte das madeiras, na coleta de cipós, na confecção do barro, da bebida, fermentada ou não, produzida pelas mulheres durante a construção da casa, dos cantos necessários para as etapas das construções, seja da casa, seja da nova escola, na maioria com material produzido localmente: todo este conjunto de atividades não poderia acontecer sem a participação de uma parte importante dos moradores da aldeia, jovens incluídos. Portanto, a afirmativa do que os jovens estariam abandonando os trabalhos comunitários precisa ser aprofundada. O que se percebe é que nos últimos anos houve um período de um tipo de “*excesso*” de trabalho comunitário: uma vez construídas as casas e a nova aldeia, os Ye'kuana investiram na construção de uma grande casa redonda, trabalho que também necessita da participação de jovens, mas que hoje, em boa parte estão na capital estudando, pois uma vez concluída a maioria das casas do outro lado da margem do rio, registramos um aumento dos jovens que vieram concluir o ensino médio em Boa Vista.

Cuidando dos corpos

Com a presença significativa de jovens estudantes na capital, há uma exigência por manter uma produção alimentar e envia-la aos parentes na capital. As lideranças mais velhas afirmam que é necessário manter o envio de alimentos, pois são de suma importância durante e após os rituais e resguardos. Também observa-se que passaram a acontecer vários rituais com uso de plantas medicinais e da planta da vingança em Boa Vista: muitos destes rituais requerem o resguardos de irmãos. No espaço urbano, o uso de celular combinado com a radiofonia facilita a circulação de notícias, assim como uma vigilância para que os resguardos sejam respeitados. Neste cenário os alimentos tradicionais produzidos por parentes são fundamentais, em cada casa na

cidade é necessário contar com o beiju, pimenta e farinha, muitas vezes os únicos permitidos durante os resguardos. Todos estes alimentos são acompanhados por seus cantos e *assopros* que tornam estes alimentos insubstituíveis por outros equivalentes disponíveis no mercado local urbano (Moreira, 2016). Deste ponto de vista, podemos entrever que o cuidado maior continua sendo com os corpos. Nesta circulação os alimentos produzidos dentro de uma lógica de parentesco e cuidados continuam a circular da aldeia para a capital do estado: mães, irmãs, filhas e esposas são responsáveis por esta circulação.

Como afirmei em outro artigo (Moreira, 2004), a afirmação sobre uma guerra xamânica incrementou ainda mais a procura por seus especialistas, cantores/as, plantas, visitas ao xamã da Venezuela e a presença cada vez mais frequente de Vicente Castro, reconhecido especialista e morador da comunidade de Waikás. O ano onde ocorreram diversas mortes coincidiu com o ano de licença da missionária mais antiga na aldeia, com a desistência da missionaria que trabalhava no atendimento a saúde, e o adoecimento de uma jovem missionária que não mais retornou a Auaris. Estes fatos indicavam uma tensão clara entre a missão e as praticas xamânicas dos Ye'kuana. As missionárias continuam afirmando até o momento que o suicídio é consequência do consumo de bebida alcoólica, fermentada tradicional ou não, sobretudo por jovens estudantes. Outros afirmam que a causa é a vida de estudante na capital e o contato com a cultura dos “brancos”, o que perturbaria as relações entre as gerações de jovens e adultos.

Novas categorias, tais como jovem/adulto, ganham espaço hoje pelos agentes ali presentes, da saúde e outros, sem nenhum questionamento sobre qual seria o equivalente para os Ye'kuana. Não há questionamentos destas categorias. A política nacional de saúde mental também não questiona: seria a idade, seria o ECA o que afinal define adolescentes, jovens e adultos?

Aprendizes da fala

Arvelo-Jiménez (1974) definiu a Ättä, casa comunal que tem um centro onde os homens se reúnem cotidianamente, como um espaço masculino e sagrado. No Brasil os Ye'kuana traduziam para nos como “A Casa Grande” a Ättä, pois aqui as casas individuais cercam um espaço central onde os homens mais velhos continuam a se encontrar no coti-

diano. Nele também são realizados alguns de seus rituais, pois continua sendo um espaço privilegiado para serem forjadas outras capacidades consideradas importantes, principalmente para os homens, como falar em público e o cuidado com os temas conflitantes. Neste aprendizado o autocontrole, já destacado por vários autores, parece ser igualmente valorizado em Auaris. Esta capacidade deve ser cultivada desde a infância, e é tida como fundamental para uma liderança. Vale ressaltar que, embora certos conflitos venham tratados neste espaço central, ele parece um espaço prazeroso onde os homens estão juntos, fumam seu tabaco, tecem suas redes de pesca. Os homens se reencontram ali pois, divididos entre as casas de suas esposas, o que não permite grandes circulações de pessoas. Este seria principalmente o espaço onde o polo genro-sogra predomina, pode ser deslocado no espaço central da Ättä, onde os homens se encontram. Mas não nos esqueçamos: a Ättä também é o espaço de resolução de conflitos.

Ainda em relação à autoridade Ye'kuana, Arvelo-Jiménez (1974) já sinalizava a influencia feminina através de comentários e “fofocas”: isso efetivamente exerce uma função de desaprovação, mas também o “zombar” parece ser a “fala” social que desaprova certas condutas. Porém, diferente das fofocas que acontecem nos espaços mais íntimos das casas, o zombamento acontece nos espaços públicos, em especial nos trabalhos coletivos. Ele pode fazer referência às coisas mal feitas, altamente reprováveis entre eles, ou às regras sociais não respeitadas, como a de uniões matrimoniais desaprovadas¹³.

O auto controle e a evitação de conflitos foi registrado nos trabalhos de todos os antropólogos que trabalharam com os Ye'kuana; o

13 O único caso que conheci refere-se a um casamento desaprovado pelas famílias que chegou a gerar dois filhos, mas com o tempo o pai da criança retirou-se da comunidade. Os Ye'kuana explicavam-me que ele não aguentou o “zombamento”, e dizia: “isso a gente não esquece e a pessoa não aguenta”. No caso específico a que me refiro, o homem viveu por quase 10 anos em Boa Vista, onde estudou e retornou em 2006 na aldeia em Auaris. Ele havia realizado estudos técnicos na área de saúde o que possibilitou uma contratação de trabalho na aldeia. A mulher casou-se novamente, com um homem Ye'kuana que já foi casado com uma mulher Sanuma na Venezuela. Quando instalaram-se na região de Auaris eles construíram sua casa afastada a uma certa distancia da aldeia Ye'kuana.

controle do apetite e das palavras parece ser valorizado por diferentes grupos indígenas na região¹⁴. Isso aproxima o uso das palavras do consumo da carne de caça, onde ambos precisam ser consumidos com moderação, como bem observou Farage (1997) entre os Wapishana. Uma importante literatura sobre este grupo registra a importância de um certo padrão de comportamento: destacamos o autocontrole e uma certa aversão aos conflitos abertos. A diplomacia e o uso das boas palavras são algo a ser apreendido e construído. Isso não está colocado apenas para os Ye'kuana: diversos trabalhos apontaram as mesmas qualidades para a liderança ou chefia na região¹⁵. Contudo, este remarque entre os Ye'kuana é um denominador comum em todos trabalhos etnográficos. Esse excesso de etiqueta, se quisermos resumir assim, também está ligado ao seu xamanismo, onde as palavras podem curar ou vingar: seus cantos e rituais nos ajudam a entender isso.

Os cantos

Além dos cuidados com os alimentos consumidos pelos seus parentes e as consultas com os xamãs, houve uma grande valorização de seus cantos que foi acompanhada pela diminuição de seus cantores e uma dificuldade na formação de novos cantores/as. Isso também coincide com o esforço dos professores e estudantes universitários em resgata-los, registra-los e mantê-los em circulação.

Seus textos, na sua forma fixa, seguem o padrão primordial do primeiro canto pronunciado e guardam relação virtual com os cantos de outros mundos, em especial nos primeiros céus. É também uma forma de comunicação com o inimigo, através do uso das palavras certas e na seqüência certa de um canto. Outras formas de comunicação e relação

14 Arvelo-Jiménez (1974), Barandiaran (1966), Ramos (1980,1996), Guss (1984), Lauer (2005), Monterrey-Silva (2007), Andrade (2007), para citarmos alguns e em diferentes épocas. Também encontraremos registros desse tipo comportamento entre os seus vizinhos Karib Wai-Wai (Howard, 2002); assim como entre os Wapishana, Aruak (Farage, 1997).

15 Isto não é exclusivo para os Ye'kuana. Para outros grupos na região: Howard (2002, 1993) para os Wai-Wai, Farage (1997, 2002) para os Wapishana, Van Velthem (2002) para os Wayana. Para grupos em outras regiões ver Kaplan (1975), Basso (1973).

com o inimigo são expressas especialmente no ritual de vingança *woi* e na destruição de um corpo-imagem na cremação, ato imposto frente a certas circunstâncias que levam à morte um Ye'kuana, colocando em risco, entre outras coisas, o próprio conhecimento construído entre um mestre e seu aprendiz.

Na aldeia *Fudwuadunha*, onde fiz meu trabalho de campo, não encontramos a figura de um xamã. Apesar disso, os Ye'kuana mantêm uma forte relação com xamãs da Venezuela, em especial um deles com o qual trocam informações via radiofonia sobre aquilo que consideram necessário. Entre os motivos das consultas temos como mais frequentes a consulta sobre a realização de certos rituais, ou um diagnóstico sobre mortes, acidentes ou doenças. Algumas pessoas realizavam visitas ao xamã com certa regularidade, buscando conhecimentos e curas.

Uma primeira mudança, se tomarmos as observações de Barandiaran (1966, 1979) sobre o xamanismo ye'kuana, é o fato de que algumas prerrogativas dos xamãs estão difusas de forma mais horizontal, para usarmos o vocabulário proposto por Hugh-Jones (1996). Civrieux (1970,1992) e Arvelo-Jiménez (1974: 156-166) deram um destaque também ao papel importante dos cantores, especialmente na festa da inauguração da casa e na festa da roça. Embora o xamã tenha um lugar diferenciado entre eles, o acesso a certos recursos, como plantas e cantos, parecem circular de forma mais ampla entre os Ye'kuana.

Nos casos das mortes por suicídio o xamanismo foi a principal defesa e orientação para as ações que culminaram com a transferência, quase total, de suas casa para a outra margem do rio Auaris. Importante também observar que o xamanismo na literatura sempre foi marcado pela linguagem da escassez, nos anos 60 os antropólogos registram em trabalhos realizados na Venezuela que haveriam 3 xamãs Ye'kuana, este numero prevaleceu até poucos anos atrás quando então um xamã, na Venezuela, veio a falecer. O numero não deve ser entendido como fim do xamanismo que, ao contrário, vem se fortalecendo na região mas a essa linguagem da escassez.

Considerações finais

O que nos chama a atenção neste contexto do acesso as politicas de saúde mental, dos recursos disponibilizados pelos missionários (CONPLEI) é sem dúvida o esvaziamento da narrativa dos próprios

Ye'kuana e seus especialistas sobre os ataques dos inimigos, por estarem certos de que as mortes por suicídios nunca foram desvinculadas de outras mortes consideradas ações de inimigos. Assim como outras doenças, identificadas por eles pelas dores e a impossibilidade de trabalho, diagnosticadas como reumatismos pela medicina que acessam no SUS, indicam para eles mudanças nos seus corpos. Corpos estes que precisam de cuidados pelas pinturas, pelo perfume de suas pinturas, pelos rituais e cantos, pelo alimento e o uso da vingança *woi*. Do contrário, como explicar a mudança da localidade de moradia e todo o trabalho exigido para isso, inclusive a reconstrução da escola?

O que podemos afirmar é que se os Ye'kuana delegarem a outros os cuidados para salvarem seus jovens, ou seja, à rede com a qual eles contam através de seus parentes próximos para vigiarem, às vezes ao deslocarem eles para a cidade ou, ao contrário, ao trazê-los para perto de si, não apenas pela eficácia já demonstrada, mas sobretudo por não se dar a estes cuidados o seu devido reconhecimento, por se deslegitimarem um cuidado intenso de suas casas e de suas relações, o risco é de despossuí-los de uma capacidade que até o momento foi a única eficaz, e isso poderá causar um dano. Esse modo de prática, seja pela religião, seja pelo Estado, será mais uma forma colonial de despossuir um povo de seus modos de cuidados, desta vez não com a força, mas com uma palavra e um lugar da fala que substitua aquele das interpretações dos sonhos, das regras de seus resguardos e da sua capacidade de buscar, mesmo no conflito, a leituras de seus sonhos.

Bibliografia

- Andrade, Karenina Vieira (2006/2010). *Reflexões sobre o significado das mortes por suicídios, in Povos Indígenas no Brasil*. São Paulo: ISA.
- ____ (2012). A Vontade de Saber – a escola e o mundo das profissões entre os Ye'kuana. *Revista Brasileira do Caribe*, São Luis-MA, Brasil, Vol. XIII, nº25, Jul-Dez, p. 43-71.
- Arvelo-Jiménez, Nelly (1974). *Relaciones políticas en una sociedad tribal*. Ediciones Especiales 68. México, Instituto Indigenista Interamericano.
- Civrieux, Marc (1970). *Watunna. Un ciclo de creación en el Orinoco*. Caracas: Monte Avila Editores.
- Farage, Nadia (1997). *As flores da Fala: práticas retóricas entre os wapishana*. Tese Doutorado 2000, USP.
- Franchetto, Bruna (2008). A guerra dos alfabetos. *Mana*, 14(1), 31-59.
- Gow, Peter (1990). Could Sangama read? The origin of writing among the Piro of Eastern Urubanda. *Amazonía Indígena*, 11, 10-16.
- Guss, David (1986). Keeping it Oral: A Yekuana Ethnology. *American Ethnologist*, 13, 413-29.
- ____ (1994). *Tejer y cantar*. Caracas: Monte Avila editores.
- Moreira, Elaine (2001/2005). Diálogos e diagnósticos. *Povos Indígenas no Brasil*. São Paulo: ISA.
- ____ (2004). Entre “corpo” e “alma” o não conversão dos Ye'kuana no Brasil. In: Robin M. Wright (Org.), *Transformando os Deuses* (vol. II, pp. 341-376). Campinas: Editora Unicamp.
- ____ Redes sociais e mobilidade espacial entre os Ye'kuana no Brasil. In: Cassio Inglez de Souza, Almeida, Fabio Vaz Ribeiro, Antonio Carlos Souza Lima, e Maria Helena Ortolan Matos (Orgs.), *Povos Indígenas; Projetos e desenvolvimento II* (pp. 75-95). Coleção LACED, Editora Paralelo 15.
- ____ (2012). *Artifice du corps et de la mémoire : les cahiers de chants chez les Yekuana*. Thèse de doctorat. Paris, EHESS, 325 p.
- ____ (2016). Espace urbain et échanges chez les Ye'kuana à Boa Vista, Roraima (Amazonie brésilienne). *Développement durable et territoires*, 7(1).
- Silva, Castro C. (2016). *Auaris: desafios e uso do território*. Projeto de mestrado: PPG Geografia/UFRR.